Três Modelos de Virtude do Cavaleiro na Tradição Literária Arturiana

Thiago César Viana Lopes Saltarelli (UFMG)[1]

Resumo: Este artigo procura analisar a representação do herói na tradição literária arturiana a partir de três modelos distintos de virtude: o guerreiro valente e impiedoso, nos manuscritos da Alta Idade Média até Geoffrey de Monmouth; o amante submisso à dama sob o signo do amor cortês, em Chrétien de Troyes e Marie de France; e o cavaleiro cristão virgem e puro, nas narrativas que incorporam as lendas do Santo Graal.

Palavras-chave: Estudos célticos. Mito arturiano. Matéria da Bretanha. Herói. Novelas de cavalaria.

Ernst Robert Curtius, num dos excursos de sua obra *Literatura europeia e Idade Média latina* denominado "O 'sistema de virtudes do cavaleiro'", afirma:

> O chamado sistema de virtudes do cavaleiro não foi propriamente um sistema. Encerra categorias éticas e estéticas de natureza mundana, que em parte se formaram muito antes da cavalaria: como a fidelidade do vassalo, a "alegria" e outras criações do amor cortesão, existentes no sul da França antes de 1100 [...] Naturalmente entram ensinamentos da Igreja nesses elementos [...] Não me parece vantagem alguma reduzir a um pobre esquema todo o círculo dessas virtudes e ideais de vida e derivá-lo de um florilégio latino. O que constitui o encanto peculiar do ethos do cavaleiro é, precisamente, a flutuação entre ideais afins e ideais opostos (CURTIUS, 1957. p. 582).

Partindo dessa afirmação, podemos identificar, na tradição literária que incorporou o mito arturiano, essa diversa gama de virtudes diferentes – por vezes opostas – que compõem a imagem de cada cavaleiro. Nosso trabalho aqui procura identificar e se debruçar sobre apenas três: a valentia e infalibilidade na guerra; a vassalagem amorosa no amor cortês; a pureza de corpo e de espírito do cavaleiro cristão. Essas três virtudes, assim como outras, estão presentes em momentos e personagens distintos da literatura arturiana.

As primeiras menções a Arthur surgem ainda na Alta Idade Média, por volta do século V, na tradição oral de países e regiões como Irlanda, Gales, Bretanha, Armórica e Escócia As mitologias e lendas desses locais formam o componente mítico arturiano de fonte primária, fornecendo alguns mitemas que virão a embasar e estruturar esse mito arturiano. Uma vez que os ciclos épicos desses povos tratam, além dos personagens divinos e de seu mundo maravilhoso, dos feitos de reis e guerreiros, Arthur nasce fortemente associado a essa imagem e é relacionado a ela que se desenvolverá e passará aos registros escritos a partir do século VII. Torna-se então um modelo do bom rei e do guerreiro virtuoso. Ora, num tempo de guerras infindáveis e de fixação de fronteiras feudais, a grande virtude é a valentia, a bravura, a coragem,

[1] Graduado em Letras, Mestre em Teoria da Literatura e doutorando em Literatura Comparada pela Universidade Federal de Minas Gerais.

além da capacidade de unir um povo e conduzi-lo à vitória. Essas são as principais características desse personagem que funda uma das maiores matrizes poéticas do ocidente – a Matéria da Bretanha.

Isso pode ser confirmado pela primeira referência, por escrito, ao nome Arthur, datada do século VII. Ela encontra-se numa coleção de elegias a heróis escritas em galês antigo, reunidas sob o título de *Y Gododdin* [2]. Um dos poemas, destinado a um guerreiro chamado Gwawrddur, exalta suas proezas comparando-o a Arthur:

> He charged before three hundred of the finest,
> He cut down both center and wing,
> He excelled in the forefront of the noblest host,
> He gave gifts of horses from the herd in winter.
> He fed black ravens on the rampart of a fortress
> Though he was no Arthur.[3]

O penúltimo verso encerra uma bela metonímia que não deixa de revelar certa selvageria, certa exaltação da carnificina ao elogiar a matança dos inimigos promovida pelo guerreiro. Isso é o que significa a imagem do alimentar os corvos negros, pois estes foram alimentados com os cadáveres dos saxões. Assim, Gwawrdurr mostra-se um guerreiro valente e impiedoso, que obteve uma grande vitória em suas batalhas, embora não seja Arthur. E este é justamente um dos pontos mais interessantes do poema. Arthur não é um personagem da elegia, surge apenas como uma referência a título de comparação. Isso demonstra que já nessa época ele era um ícone do guerreiro valoroso, já se constituía num mito para a tradição oral.

Essa visão de Arthur como guerreiro por excelência é corroborada pela hipótese levantada por alguns historiadores de que um possível Arthur histórico seria, na verdade, não um rei, mas um soldado ou comandante de algum exército. Essa hipótese baseia-se, por um lado, na etimologia do nome *Arthur*, que, segundo alguns, seria um derivado do nome latino *Artorius*, segundo outros, apenas um epíteto. Assim, alguns historiadores tendem a eleger o soldado romano Lucius Artorius Castus como um possível candidato a um Arthur histórico. Outros remetem-no a Ambrosius Aurelianus, governante citado por Gildas em seu *De Excidio Britanniae*, que teria vencido os saxões numa batalha no monte Badon e ganhado o epíteto de Arthur, significando algo como "terrível". Por outro lado, essa hipótese também se baseia na denominação dada a Arthur por Nennius em sua *Historia Brittonum*, a saber, *dux bellorum*. Além de significar literalmente algo como "duque da guerra", essa expressão assemelha-se ao título romano *dux britanniarum*, que designava o comandante da legião do exército responsável por defender a Bretanha do norte. Nesse caso, Arthur também não seria um rei, mas apenas um comandante de exército a serviço do Império Romano. Há que se notar ainda que Nennius, dois séculos mais tarde, descreve a mesma batalha contra os saxões no monte Badon relatada por Gildas, mas enquanto este atribui a vitória a Ambrosius Aurelianus, aquele já trata de Arthur. O que nos

[2] *Gododdin* é o nome de uma tribo de antigos bretões que, por volta do ano 600, lutaram numa batalha contra os Saxões.
[3] fragmento de *Y Gododdin*.

interessa, entretanto, é notar que por vezes Arthur é mais associado a um soldado do que a um rei [4]. Isso só vem reforçar a ideia de que o grande modelo de herói nessa primeira fase do mito arturiano é o do guerreiro implacável e imbatível, um verdadeiro líder de batalhas, um legítimo "duque da guerra". Assim Nennius, em sua *Historia Brittonum* (escrita no século VIII), define Arthur ao narrar sua liderança na guerra contra os saxões: "*Then Arthur along with the kings of Britain fought against them [os saxões] in those days, but Arthur himself was the military commander [dux bellorum].*"(NENNIUS. *Historia Brittonum*). O fragmento seguinte ilustra claramente as grandes proezas bélicas de Arthur: "*The twelfth battle was on Mount Badon in which there fell in one day 960 men from one charge by Arthur; and no one struck them down except Arthur himself, and in all the wars he emerged as victor.*" (NENNIUS. *Historia Brittonum*) Tudo isso está de acordo com a hipótese de uma etimologia céltica para o nome *Arthur*, segundo a qual este provém da palavra *art*, que em celta antigo significa "urso". Este animal aqui seria uma metáfora para guerreiro. Mais uma vez)destaca-se essa virtude como base do modelo de herói no qual se encaixa Arthur. A propósito da *Historia Brittonum*, um de seus testemunhos contidos num códice do século XIII contém uma glosa em uma de suas margens que afirma o seguinte: "*Et in omnibus victor extitit. Mab uter britannice, filius horribilis latine, quoniam a pueritia sua crudelis fuit.* ***Artur latine translatum sonat ursum horribilem*** *vel malleum ferreum, quo confringuntur mole leonum.*" (FARAL, 1929. v.1 t.2 p. 246, grifo nosso). De acordo com esse copista, o significado do nome *Arthur* realmente conteria a ideia de urso.

Independentemente dessas questões históricas ou etimológicas, o importante é perceber que o modelo de herói enquanto um grande rei e, sobretudo, um grande guerreiro, continuou a ser transmitido nas obras posteriores que narravam os feitos de Arthur. Na *Historia Regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth, pode-se ler a seguinte passagem:

> Le lendemain, Arthur donne l'assaut; les Bretons, perdant beaucoup de monde, luttent péniblement au sommet de la hauteur. Alors leur chef, tirant Caliburn5 et invoquant le nom de sainte Marie, charge en personne: à lui seul il tue 470 ennemis et la victoire lui échoit. (FARAL, 1929. v.1 t.2 p. 258)

Assim como na *Historia Brittonum* ou no *Y Gododdin*, Geoffrey de Monmouth apresenta Arthur como o responsável único pela baixa de centenas de inimigos durante a guerra. Mesmo a presença de elementos cristãos – Arthur invoca o nome da Virgem Maria – não faz com que o guerreiro se torne menos implacável e impiedoso, fato que também se verifica em Nennius: "*And through the power of our Lord Jesus Christ and through the power of the blessed Virgin Mary his mother there was great slaughter among them* [os pagãos]." (NENNIUS. *Historia Brittonum*). Ao contrário, o Cristianismo, nesse momento inicial do mito arturiano na Alta Idade Média, absorvido pelo modelo de

[4] Discutir a validade dessa associação, ligada diretamente à pesquisa de uma possível historicidade de Arthur, é algo que foge aos objetivos de nosso trabalho. Sobre a etimologia da palavra *Arthur*, ainda diremos algumas palavras.
[5] Nome da espada de Arthur

herói cuja maior virtude é o sucesso na guerra, passa a justificar a carnificina contra os pagãos. Assim permanece Arthur como um herói cuja virtude encontra-se na capacidade de reinar, de governar seu povo e de realizar grandes façanhas bélicas. Esse modelo de herói e virtude, embora deixe de ser único, não desaparecerá de todo na Baixa Idade Média. Na *Demanda do Santo Graal* portuguesa, por exemplo, ainda se encontram ecos desse modelo de herói na descrição do próprio Arthur:

> Quando o rei viu seus homens em tal dificuldade, suspirou pelos da mesa redonda e esporeou o cavalo e foi feri-los com grande sanha e com grande desejo de vingar seus homens que via diante de si matar [...] E ele meteu mão à espada, que era boa e bem cortadora, e ele era muito corajoso e muito forte e defendia-se tão bem e tão valentemente que diziam bem quantos o viam que aquele era rei Artur, e seus inimigos também o louvavam e prezavam muito, tanto o viam bem defender-se. (A DEMANDA DO SANTO GRAAL, 1988. p. 344.)

A partir da Baixa Idade Média, precisamente no século XII, sob a grande influência da *Historia Regum Britanniae*, de Geoffrey de Monmouth, o mito arturiano ganha um refinado tratamento poético pela pena de alguns escritores. A difusão oral das lendas arturianas se fazia de modo mais enfático na Armórica do que em Gales ou na Cornualha, e talvez por isso os franceses tenham sido uns dos primeiros a transformarem o mito em ciclo literário. Surge com Chrétien de Troyes o chamado romance cortês (*roman courtois*), que narra diversas aventuras vividas por cavaleiros pertencentes à corte do rei Arthur. Nessa mesma época, desenvolvia-se no sul do que atualmente é a França uma rica poesia provençal, cuja invenção mais marcante foi a *courtezia*, isto é, um código de comportamento social que regia as relações amorosas entre um cavaleiro e uma dama. Refletindo a estrutura socioeconômica feudal, no amor cortês o cavaleiro se apresentava como vassalo da dama, submetendo-se a seu jugo e predispondo-se a realizar qualquer empresa desejada por ela. Com o tempo, essa lírica trovadoresca da *langue d'oc* passou a exercer grande influência sobre quase toda a produção literária europeia medieval. Começa então a surgir uma nova sorte de virtude e de herói, não mais ligados à guerra e à carnificina, mas ao exercício do amor e da cortesia.

Algo diferente não ocorreu com Chrétien de Troyes. Também ele se viu sob essa influência da poesia provençal, e, dentre todos os seus romances, é o *Lancelot* aquele em que mais se destaca a submissão do cavaleiro à dama. Pode-se compreender o porquê disso se atentarmos para as palavras do próprio Chrétien na abertura do romance:

> Dès que Madame de Champagne
> Veut que je fasse ce roman,
> L'entreprendai incontinent,
> Puisque je suis sien tout entier...
> Mais je dois dire que mieux oeuvre
> Son commandement en cette oeuvre
> Que sens ou peine que j'y mette.
> Du Chevalier de la Charrette

Commence Chrétien son livre;
Matière et sens en donne et livre
La comtesse et il s'entremet
De la penser et rien n'y met
Fors sa peine et l'intention. (TROYES, 1936. p. 38)

Segundo ele, foi Marie de Champagne, filha de Éléonore d'Aquitaine, quem forneceu a matéria para esse romance. Na época de sua redação, Chrétien encontrava-se a serviço da condessa de Champagne, a qual se entusiasmara com as teorias do amor provençal. Logo, de acordo com o escritor, a escolha de tal tema para seu novo romance não foi voluntária.

De uma forma ou de outra, é indubitável que *Lancelot* apresenta esse novo modelo de herói, o cavaleiro cortês que se submete à dama por amor. Embora o protagonista, que dá nome ao romance, mantenha o valor de bom guerreiro que vimos mais acima, ele é capaz de se sujeitar às mais terríveis humilhações pelo amor de sua dama. Esta é ninguém menos que Guenièvre, esposa do rei Arthur e rainha de Logres, que fora sequestrada pelo cavaleiro Méléagant. Para descobrir seu paradeiro, Lancelot deve subir numa charrete patibular[6] e assim se exibir de maneira muito pouco honrosa. Após um breve momento de hesitação, ele o faz, pois *"Amour le veut et il monte,/ Car de la honte ne lui chaut/ Puis qu'Amour le commande et veut."* (TROYES, 1936. p. 39). Em outro momento do romance, durante um torneio de cavaleiros, a rainha, para testar a vassalagem amorosa de Lancelot, ordena que ele "*fait 'au pire'*", isto é, que ele se faça passar pelo pior cavaleiro. O amante, sem se preocupar com sua honra e com a opinião alheia, começa a perder todas as justas. Em seguida, Guenièvre ordena-lhe "*faire '*au noauz*'*", ou seja, comportar-se de maneira ridícula para provocar o riso. Novamente Lancelot atende aos desejos de sua amada, até que ela, satisfeita com esse exercício da *courtezia*, ordena que ele torne a duelar normalmente, o que significa vencer toda as justas, uma vez que era o melhor de todos os cavaleiros. Nas palavras de Chrétien,

Moult est qui aime obéissant
Et moult fait tôt et volontiers,
Là où il est ami entire,
Ce qui à s'amie doit plaire. (TROYES, 1936. p. 43)

Se, no entanto, Lancelot ainda não abandonou de todo a virtude guerreira, colocando-se também como vassalo do rei e realizando tarefas sob sua ordem, essa prática vai sendo gradativamente abandonada nos *lais* de Marie de France. Também ela está imersa num universo de cavaleiros e damas essencialmente cortês, o que se reflete na sua obra. Aqui o amor é o tema principal, e é interessante notar que, diversamente dos romances de Chrétien, cujos protagonistas são normalmente um cavaleiro para cada romance, os protagonistas dos *lais* são sempre dois amantes. Segundo Ramón García Pradas, nos *lais "... la aventura es esencialmente de corte amoroso y no de naturaleza bélica, es una aventura libremente aceptada y no impuesta por un soberano, como suele ocurrir*

[6] No tempo do reino de Arthur, como explica o autor, era comum carregar ladrões e assassinos numa charrete e expô-los em praça pública, sob o riso e o escárnio da multidão.

en el género épico." (PRADAS, p. 119). Em resumo, "*la aventura no es, pues, la guerra sino el descubrimiento del sentimento amoroso...*" (PRADAS, p. 128). É exatamente isso que também afirmam Robert Hanning e Joan Ferrante, citados por Judith Barban:

> Unlike earlier medieval epics, in which heroic values are universally acknowledged even though cowardise or treachery may cause their subversion, twelfth-century courtly tales and romances usually portray the protagonist's gradual discovery of real values through love […] As soon as love begins to control prowess, directing its energies to bind together rather than to separate the love unit, the insuperable social obstacles to love's fulfillment simply disappear. (HANNING; FERRANTE, 1978 *apud* BARBAN. p. 19)

Isso significa que já não estamos mais diante de um *dux bellorum*, de um guerreiro implacável, mas de um cavaleiro cortês que só se torna um homem completo por meio do amor de uma mulher. Sua atividade de cavalaria deixa de ser um fim em si mesma para se transformar num meio de atingir um fim maior, a admiração e o amor da dama. Tanto isso ocorre que num *lai* como *Lanval* o personagem principal não realiza praticamente nenhuma façanha. Ao contrário, é levado a julgamento por um ardil da infiel rainha de Arthur, que fora rejeitada por ele, e tem de ser salvo por sua amante do Outro Mundo. Já em *Les Dous Amanz*, o personagem masculino, além de não ser propriamente um cavaleiro, mas um jovem filho de um conde, não se destaca pela sua virilidade e vigor físico. Para obter a permissão de desposar a filha do rei, ele deveria carregá-la até o alto de uma montanha. Eis que num determinado momento a dama lhe diz: " *'Amis', fait ele, 'jeo sai bien,/ne m'i porterïez pur rien:/n'estes mie si vertuus.'*" (MARIE DE FRANCE. *Lais*) Assim, faz-se necessário que, pela ausência da virtude da virilidade masculina, surja a sagacidade feminina que consegue uma poção mágica para dar força ao jovem nobre.

Se por um lado o amor cortês complementou a virtude do guerreiro da Alta Idade Média, transformando-o num cavaleiro submisso à sua dama, uma outra influência também se fará exercer na literatura arturiana, esta sobretudo a partir de fins do século XII e início do XIII, e modificará mais uma vez o ideal de virtude que deve possuir o cavaleiro. Trata-se da forte presença do Cristianismo que se verifica a partir do período Gótico, trazendo diversas aspirações místicas, preocupações filosóficas acerca da vida eterna e da conduta que deve ter um cristão no mundo secular. Logo, em oposição à suposta frivolidade das práticas de Corte, o herói passa a ser valorizado pela sua fé cristã e sua consequente conduta de acordo com os princípios do Cristianismo, passando do caminho do amor ao da virgindade, do caminho dos ímpetos amorosos ao da retidão. Em Chrétien de Troyes, o romance que traz esse modelo de herói é sua última obra – o *Perceval ou le conte du Graal*. Não é sem razão que numa obra de cunho místico Chrétien houvesse inserido a lenda do Graal, que sofrera um processo de cristianização, representando a busca pela vida eterna, pelo reino de Deus. Esta é a missão de Perceval, que a privilegia em detrimento do amor filial e do amor conjugal por Blanchefleur.

Em muitos aspectos, esses novos heróis passam por situações semelhantes à de Jesus Cristo. Na *Demanda do Santo Graal* portuguesa, por exemplo, Perceval também passa por uma provação, sendo tentado por um demônio disfarçado em uma bela donzela. Quando está preste a ceder à tentação, uma voz irrompe dos céus dizendo-lhe: " 'Ai, Persival, como há aqui tão mau conselho! Deixas toda alegria por toda tristeza, donde te virá todo pesar e toda má ventura.'", ao que Persival responde "– Ai, Pai Jesus Cristo, Pai verdadeiro! não me deixes enganar nem entrar na eterna morte; e se este é o demo que me quer tirar de teu serviço e separar de tua companhia, mostra-mo."[7] Entretanto, essa obra traz um outro cavaleiro ainda mais puro que Persival. Galaaz é o cavaleiro imaculado, o grande eleito para conhecer os mistérios do Graal. Sua pureza – tanto física como espiritual – é tal que, no momento de sua morte, Deus lhe envia como companhia Josefes, o filho de José de Arimateia, porque era virgem como Galaaz. Além disso, este cavaleiro realiza milagres de cura como Jesus, incluindo entre eles a cura de um paralítico com uma simples ordem para que ele se levantasse e a cura do Rei Peles, por meio das gotas de sangue que pingavam da lança que ferira Jesus na cruz. Todos esses elementos entram em profundo contraste com o ideal de vivência do amor terrestre, e isso ganha destaque quando Lancelote é contraposto a seu filho Galaaz. Aquele, devido aos amores com a rainha Genevra, estava em pecado mortal e, ao contrário de seu filho, não teve a honra de ver os milagres do Santo Vaso. O outro elemento que contrapõe as suas virtudes – a do cavaleiro amante e a do cavaleiro cristão virgem – é a proibição de que os cavaleiros levassem suas mulheres ou amantes na demanda do Graal, pois deveriam conservar-se puros de todo pecado da carne.

Após toda essa explanação, podemos perceber uma variabilidade nos modelos de virtude dos cavaleiros da tradição literária arturiana. Como afirmara Curtius, não se pode falar de um sistema coeso e organizado de virtudes. Ao contrário, há ideais de cavaleiro e herói que por vezes se contrapõem, e isso é sem dúvida um dos aspectos que contribui para a riqueza da matéria da Bretanha.

[7] *A demanda do Santo Graal.* Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T.A. Queiroz, Edusp, 1988. p. 213.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A DEMANDA DO SANTO GRAAL. Texto sob os cuidados de Heitor Megale. São Paulo: T.A. Queiroz, Edusp, 1988.

AMADIS DE GAULA. Seleção, tradução, argumento e prefácio de Rodrigues Lapa 3ª ed. Lisboa: Bertrand, 1957.

BAKHTIN, Mikhail. O romance de cavalaria. In: BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética.* 4.ed. São Paulo: Ed. da Unesp/Hucitec, 1998. p. 268-274.

BARBAN, Judith. The making of the man: woman as consummator in the *Lais* of Marie de France. *The South Carolina Modern Language Review.* [s.l.] vol.1. n.1. p.18-28.

CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL: (Colocci-Brancuti), cod. 10991. Reprodução facsimilada. Lisboa: Biblioteca Nacional: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1982. nv.

CANCIONEIRO DA BIBLIOTECA NACIONAL: antigo Colocci-Brancuti. Lisboa: Edições da R. de Portugal, 1949. nv.

CURTIUS, Ernst Robert. *Literatura europeia e Idade Média latina.* Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1957.

FARAL, Edmond. *La légende arthurienne:* etudes et documents. Paris: Librairie Ancienne Honore Champion, 1929. v.1. 3t.

GREEN, Thomas. *The historicity and historicisation of Arthur.* Available from <http://www.arthuriana.co.uk/>. Cited: 11 jul. 2006.

Growth of the Arthurian legend. Disponível em <http://www.clas.ufl.edu/users/jshoaf/Arthchart.html>. consultado em: 11/07/2006.

LOOMIS, R.S. *(ed.) Arthurian Literature in the Middle Ages* (ALMA), Clarendon Press, 1959.

MARIE DE FRANCE. *Lais de Marie de France.* [s.l.]: Le Livre de Poche, [s.d.].

NAPUR, Nick. *The quest for a historical Arthur*. [s.n.t.]

NENNIUS. *Historia Brittonum.* Disponível em <http://www.fordham.edu/halsall/source/nennius.html>. Consultado em: 11/07/2006.

PÉREZ, Elisa Cifuentes. El lai breton como gênero literário: una breve aproximación. *Thélème. Revista Complutense de Estudios Franceses.* [s.l.] v.17. p.171-178. 2002.

PRADAS, Ramón García. Hacia um nuevo concepto de heroicidad em los *lais* de Marie de France: una visión novedosa y plural del personaje masculino. *Anales de Filología Francesa.* [s.l.] n.13. p.111-129. 2004-2005.

ROOT, Jerry. Courtly love and the representation of women in the "Lais" of Marie de France and the "Coutumes de Beauvaisis" of Philippe de Beaumanoir. *Rocky Mountain Review of Language and Literature.* [s.l.] vol.57. n.2. p.7-24. 2003.

TROYES, Chrétien de. *Oeuvres choisies.* Paris, Larousse, 1936.